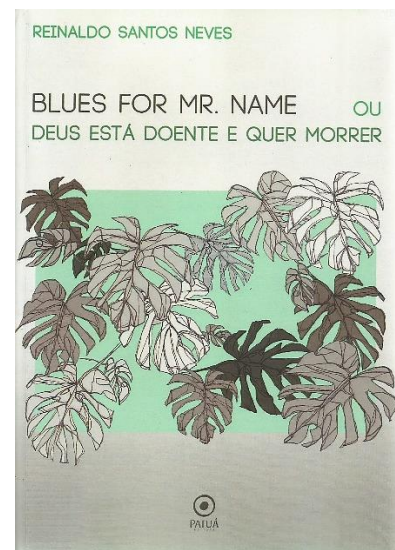


NEVES, Reinaldo Santos. *Blues for Mr. Name
ou Deus está doente e quer morrer.*
São Paulo: Patuá, 2018.

Fabio Daflon*



No conjunto da obra eu diria que *Mr. Name* se trata de tema novo para mim.

Reinaldo Santos Neves

Reinaldo Santos Neves (Vitória, ES, 1946) publicou vários romances: *A crônica de Malemort* (1978); *As mãos no fogo* (1984); *Sueli: romance confesso* (1989); *Kitty aos 22: divertimento* (2006); *A longa história* (2007); *A ceia dominicana: romance neolatino* (2008); *A folha de hera: romance*

* Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

bilíngue (3 volumes: 2011, 2012 e 2014)¹. Embora trate de temas relacionados ao período medieval, como em *A crônica de Malemort* ou *A longa história*, Santos Neves também transita pelos assuntos contemporâneos, como em *As mãos no fogo*, *Sueli: romance confesso* ou *Kitty aos 22: divertimento*, destacando em seu trabalho narrativo a linguagem baseada de modo especial no intertexto.

Seu mais recente trabalho, *Blues For Mr. Name ou Deus está doente e quer morrer* (2018), é um romance “apocalíptico” – como afirma o autor no “Posfácio” –, posto na voz de um narrador sem nome que nos traz, após os capítulos iniciais, a narração da heroína Kate Wishaw. O livro é composto por um prólogo, seis capítulos e um epílogo.

Romance elegíaco, fúnebre e de ressurreição (ressurreição eivada de pessimismo), sua trama está situada entre os anos cinquenta, sessenta e setenta do século XX até os primeiros lustros do século XXI. A narração da heroína pode ser recebida como delírio místico, com sérias repercussões psicossomáticas na heroína Kate Wishaw – uma das narradoras –, com todo corolário das repercussões psicossomáticas fazendo parte da história, mesmo em outros personagens.

Deus quer morrer, e quer morrer porque a sacralidade de todas as coisas, como a do próprio Deus, está esmaecida e está por desaparecer totalmente. Essa poderia ser uma das linhas que sustentam a complexa narrativa de Santos Neves. Apenas uma pessoa poderia ascender à presença de Deus e colocá-lo “para dormir”: Kate Wishaw, a mais virgem das virgens, cuja biografia de veterinária especializada em eutanásia de animais (pô-los para dormir) é apresentada pelo narrador inicial. Assim, para o leitor familiarizado com o romance cortês *Perceval ou o conto do graal*, de Chrétien de Troyes, do século XII, e a novela de cavalaria *A demanda do santo graal*, do século XIII, a associação entre esses textos medievais e a trajetória de Kate se revela aos poucos.

¹ Além dos romances, o autor produziu contos, *Má notícia para o pai da criança* (1995; 2019); *Heródoto, IV, 196* (2013) e *Mina Rakastan Sinua* (2016), além de crônicas, reunidas em *Dois graus a leste, três graus a oeste* (2013). Em *Poesia 64-14* (2016) estão publicados seus poemas.

Em *Blues for Mr. Name*, segundo o próprio autor, consultado por e-mail (NEVES, 2020), “O que há de constante são as associações, as intuições, o tributo à tradição via renovação, o tratamento com a linguagem e o que, segundo Rita Maia, pode ser considerado amor literário, dentro do conceito de Bloom, de quem nada li”. Tal tributo se dá pelo diálogo com a tradição – aliás, breve mas detalhadamente exposto no “Pós-escrito do autor” –, razão pela qual Santos Neves elaborou a saga de Kate, fazendo referências a vários personagens de *A demanda do Santo Graal*, como Erec, associado a Derek, e Galaz, o cavaleiro que mais se aproximou do Graal, associado a Mr. Aulde, sendo este o personagem por quem Kate se apaixona, sem poder realizar o amor carnal, a não ser em sonho, porque em sua família, nalgumas gerações, uma mulher tem e sofre o Estigma da virgindade. No romance a virgindade da heroína, por sua sacralidade, é chamada de Estigma e mata quem queira desvirginá-la, como se deu com Newby – o primeiro homem que Kate viu na vida –, um dos cavaleiros que morreu, ao tentar estuprá-la.

Para contingenciar o livro no tempo e no espaço, citamos trecho do livro *Beleza*, de Roger Scruton (2013, p. 107), a fim de melhor circunstanciar o romance: “Um século atrás, Marcel Duchamp assinou ‘R. Mutt’ num urinol, e o expôs como obra de arte”. Concordamos com o que Scruton escreveu em todo o capítulo cinco; esse tipo de “arte” agiu no sentido da dessacralização da arte. Os *ready-mades* produzidos pelo “artista”, entre mil novecentos e dezessete e mil novecentos e vinte e um, foram reproduzidos nos anos sessenta do século passado, e a maioria das reproduções foi perdida. O Graal também foi perdido, daí ter gerado a demanda. Poderia um *ready-made* representar “o objeto sagrado” dos tempos mais hodiernos?

Ainda segundo informações de Santos Neves, no e-mail já referido, desde o ponto em que o texto foi interrompido, no tangente ao conceito de amor literário está escrito o seguinte:

Exemplo desse conceito no romance seria a referência quase diria homenagem que faço a Hoosat From Another Planet, personagem de

uma história em quadrinhos de Mickey que muito me impressionou em criança a ponto de ter por ela até hoje certo carinho, apesar de vilã da história - que tem, aliás, morte trágica no final (NEVES, 2020).

Obviamente, o que escreveu o autor é uma pista importante a ser desvendada, porque Hoosat é citada muitas vezes no romance.

Estaria a heroína Kate, em sua missão como agente divina cuja missão é pôr Deus para dormir, envolvida numa fraude? Capaz de causar, mesmo a Deus, e em todos que a percebam grande ceticismo ou não? Uma das culpas de Kate é a da possibilidade de deixar Deus morrer por mistanásia. Essa culpa e outras de origens familiares e afetivas movem a personagem no sentido de cumprir sua missão, nem sempre sem hesitações ou reações surpreendentes.

Os protagonistas e os coadjuvantes demarcam temporalmente a saga de Kate Wishaw, dentro de um mundo corroído em relação à fé, ao saber e ao bom gosto, seja no que diga respeito à fruição do prazer estético ou místico.

Um dos temas do romance, a comercialização da beleza da mulher teve seu pontapé inicial em 1952 com a realização do primeiro concurso de Miss Universo, ganhos naqueles tempos por moças belas e “virgens”. Desde então, a exposição do corpo feminino aumentou ao ponto de haver sexo explícito com o advento da pornografia. Naquela época, a pureza da miss foi um primeiro contraponto à da Virgem Maria; sem ser miss, Judy Wishaw, avó de Kate, é simbolicamente casada com o Mercado – marido fictício –, de quem se divorciou para se casar com um plantador de hortaliças, pai de Fay e de Cherry, mãe e tia de Katherine Wishaw.

Abandonada pela mãe Fay, Kate foi criada por Cherry – tia; Cherry levou-a para uma colônia chamada Katewood (redoma protetora fora do mundo babilônico), onde a iniciou nas leituras das fábulas, prescreveu ensinamentos morais, e ministrou ensinamentos sobre a veterinária – inclusive a eutanásia animal –, capacitando-a para a missão de agente divina e de olhar para o passado, como fez Orfeu.

A propósito, Sophie Body-Gendrot e Kristina Orfali, no livro *História da vida privada – Da primeira guerra aos nossos dias*, organizado por Antoine Prost e Gérard Vincent, no capítulo 4 – “Modelos estrangeiros”, no tópico “A pornografia” (2009, p. 599), escreveram o seguinte:

A pornografia representa para a revolução sexual dos anos 70 o que a educação sexual foi para os anos 40 e 50. Constitui talvez a mais imediata manifestação da sexualidade, visto que, à diferença do erotismo, não estabelece mediações entre o espectador e o objeto de seu desejo. Nada é desvelado, tudo é exibido.

Lily Van Den Poorn, personagem importantíssima do livro, representa não só o advento da pornografia, de quem Sade foi o profeta, como a continuidade da dessacralização do erotismo existente desde a Antiguidade clássica, como herança helênica.

Como dito, Judy Wishaw teve duas filhas: Cherry e Fay. Fay gerou Kate, durante uma orgia da seita Trapos Sagrados; talvez uma dessas seitas que emergiram dos hippies. Por ter sido gerada numa orgia, na qual doze homens (chamados Touros) e doze Musas tiveram relações sexuais aleatórias, cada Touro tendo coberto três Musas ao menos, é impossível a Kate conhecer o pai biológico, e Kate nutre por Deus amor filial total e de total entrega.

É difícil para o leitor montar a árvore genealógica de Kate, muito mais representada pelo bonsai do que pelo cedro; mas essa tarefa se desenha aos olhares de uma leitura atenta como essencial à compreensão do livro. Livro que merece ser lido com olhar de detetive fazendo anotações seja a respeito das ações dos diversos personagens (o romance é “pródigo de nomes”, como afirma o narrador), seja dos intertextos densamente aproveitados na linguagem do romance².

Um dos poucos romances enciclopédicos é *A montanha mágica*, de Thomas Mann, circunstanciado no período pré-guerra (Primeira Guerra Mundial); é justo

² O leitor poderá ter uma ideia desse intrincado arranjo intertextual no *Elucidação: pós-escrito a Mr. Name*, de Santos Neves (2019).

incluir *Blues for Mr. Name* nesse seletivo grupo de romances enciclopédicos — capazes de captar o *Zeitgeist* (espírito do tempo, em alemão) na nebulosidade predominante do início do Terceiro Milênio. O texto é todo permeado por uma estranha circularidade não proustiana e o que acontece no início pode estar também no fim, sem menção à tese de T. S. Elliot de que todo princípio tem um fim e todo fim tem um princípio, devido à degradação da sociedade (2018, p. 235).

Não será cometida aqui a aleivosia de contar o final do livro, merecedor ainda de análise percuciente e aprofundada. Mas podemos adiantar que, nas páginas primeira e última do romance, o narrador declara, respectivamente no “Prólogo” e no “Epílogo”, que a narrativa de Kate, de que ele é um compilador, se destina a ser lido por uma geração futura que encontre o texto da obra perdido numa nuvem da internet.

Os escritores de hoje são chamados de contemporâneos; não há ainda uma denominação para quem escreverá profissionalmente no futuro; mas talvez possa haver leitores extemporâneos – o autor, aliás, também está entre os que temem a morte da literatura. Rogamos a Deus para que existam também escritores extemporâneos capazes de olhar para trás como Orfeu fez a fim de que seja mantido o vínculo cultural, moral, artístico e religioso sem o qual os sentimentos de percepção do mundo serão perdidos, sem necessariamente terem sido atualizados. *Blues for Mr. Name ou Deus está cansado e quer morrer* é um livro que denuncia o *modus vivendi* da sociedade e do mundo atual em sua maior parte. Isso explicaria, talvez, a citação no romance de uma das canções mais tristes do mundo. O *blues* elegíaco tocado por Mr. Lucky Jones, jazzista outrora famoso, pode ter ligação com “Gloomy Sunday”, do compositor húngaro Rezső Seress, também conhecida como “Canção do suicídio” ou “Música húngara suicida”, gravada por Billie Holiday; a melodia não apresenta o menor traço de boas vibrações, pois acompanha a sequência do suicídio da Miss Uustalu.

O suicídio, aliás, passa pela cabeça de Kate Whishaw, apesar da missão de pôr Deus para dormir, procedimento fulcral para resolver o conflito entre a fé e a

ciência, maiormente quando relacionado à eutanásia de Deus, que está doente e quer morrer, mas que, por ser Deus, não pode ter ideiação suicida como Kate.

Nem todos os problemas dos conflitos entre a fé e a ciência e a degradação dos costumes foram abordados pelo romancista. Há o exemplo do neopentecostalismo no Brasil, estimulado estrategicamente como contraponto radical à Teologia da Libertação, que fez a Igreja Católica Apostólica Romana perder fiéis, mas esse é um problema nacional, sem cabimento na universalidade do livro *Blues for Mr. Name ou deus está doente e quer morrer*.

Livro extraordinário, preche de ilações sombrias. Livro visionário, diante da cegueira. Obra apocalíptica de primeiro plano, na tradução de um século que ainda não alcançou a maioria absoluta, publicado em 2018; e foi com dezoito anos de idade que Kate, a heroína, filha do Terceiro Milênio, sai de casa para fracassar ou triunfar na missão de pôr Deus para dormir. Leitura essencial para quem queira pensar o mundo, que vai muito além dos primeiros vinte ou vinte e dois anos da heroína explicitados no texto no século corrente, de apenas vinte anos.

Referências:

ELLIOT, T. S. *Poemas*. Organização, tradução e posfácio de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Quatro quartetos (1943) p. 235.

BODY-GENDROT, Sophie; ORFALI, Kristina. Modelos estrangeiros – A pornografia. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). *História da vida privada – Da primeira guerra aos nossos dias*. Tradução de Denise Bottmann e Dorotheé de Bruchard (Posfácio). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 5, p. 487-566.

NEVES, Reinaldo Santos. Sobre *Blues for Mr. Name*. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <fabio.s.daflon@gmail.com> em maio 2020.

NEVES, Reinaldo Santos. *Elucidação: pós-escrito a Mr. Name*. Vitória: Estação Capixaba; Cândida, 2019. (Série Estação Capixaba, v. 17). Disponível em:

<<http://www.estacaocapixaba.com.br/p/serie-estacao-capixaba.html>>. Acesso em: 2 maio 2020.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2013.

Recebida em: 6 de fevereiro de 2020.
Aprovada em: 24 de maio de 2020.